



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

OCUPAÇÕES, FESTAS E RAÇA: MOBILIZAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM BRASÍLIA; ASPECTOS RACIAIS DA SEGREGAÇÃO.

JÚLIA TÁSSILA PINTO RODRIGUES¹

CARLOS HENRIQUE MAGALHÃES DE LIMA²

Resumo: Neste trabalho o principal objetivo é investigar as mobilizações artísticas relacionadas à cultura afro-brasileira. Observar principalmente às apreensões e percepções do corpo negro na cidade, majoritariamente marcadas pela segregação e violência, e o modo pelo qual a apropriação espacial, de caráter cultural, pode produzir empoderamento e agregação destes corpos. Procuramos produzir interpretação relacionada às festas públicas em Brasília, focalizando aspectos de cor e raça. Na última década, proliferou o número de eventos realizados em espaços públicos na cidade, muitos dos quais estão associados à cultura negra e de periferia. A pesquisa está baseada na vivência/experimentação de eventos específicos: o “Favela Sounds” (Praça do Museu da República, Plano Piloto) em novembro de 2017; “Sai da Rede” (CCBB Brasília) em junho de 2018; “Elemento em movimento” (Praça do trabalhador, Ceilândia) em outubro de 2018; além do Lançamento “Bluesman” em Brasília - evento do Favela Sounds - (Estádio Nacional Mané Garrincha) em Maio de 2019. Todos os eventos têm em comum, além da proposta de um festival voltado para a cultura negra e periférica (com enaltecimento da negritude), a presença de um famoso artista, o rapper Baco Exu do Blues. Do ponto de vista teórico, importa compreender as experiências de negras e negros nos espaços urbanos pensada por Edouard Glissant.

Palavras-chave: festas; raça; ocupações; espaços públicos

1. Introdução.

“(…) a raça, como traço fenotípico historicamente elaborado, é um dos critérios mais relevantes que regulam os mecanismos de recrutamento para ocupar posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social. Apesar de suas diferentes formas (através do tempo e espaço), o racismo caracteriza todas as sociedades capitalistas multirraciais contemporâneas. Como ideologia e como conjunto de práticas cuja eficácia estrutural manifesta-se numa divisão racial do trabalho, o racismo é mais do que um reflexo epifenomênico da estrutura econômica ou um instrumento conspiratório usado pelas classes dominantes para dividir os trabalhadores.” (Hasenbalg,2003)

Sabemos que os espaços públicos são forjados e construídos pela experiência dos atores. Não há espaço público que se defina apenas por norma. De modo semelhante, não há espaço coletivo que seja estático e corresponda fielmente à função para a qual foi primeiramente destinado, há sempre a atuação indispensável da população dinamizando e redefinindo espaços, há a interação entre seres humanos dando vida e significado ao local.

¹ Universidade de Brasília - UnB. tassilajulia@gmail.com.

² Universidade de Brasília - UnB. carlos.bsbr@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Se o que será tratado é a apropriação dos espaços públicos pela população negra - apesar de indesejada e pouco incentivada - levantando sobretudo a questão racial, antes é necessário apontar como se dá e como foi conformada a ocupação destes espaços, não só públicos, explicitando o racismo presente nesta configuração.

Inicialmente precisamos tratar da segregação sócio-espacial existente em todo o território, público ou privado brasileiro, e em Brasília não seria diferente. Muitos aspectos podem justificar o fato de se poder citar, com segurança, lugares onde encontramos mais pessoas negras ou mais pessoas brancas. Mas o que geralmente é apontado pelo senso comum seria a questão econômica (sobrepondo-se à dimensão racial), e todos os outros aspectos tornam-se coadjuvantes diante da máxima financeira.

Podemos citar o arquiteto Sant'ana, (2006) para explicar como será abordada a segregação no presente trabalho. O autor a relata que a respeito da segregação sócio-espacial há fatores que são velados (raciais) e outros que se apresentam de forma explícita (sócio-econômicos) que acabam por expulsar populações vulneráveis para áreas onde a presença do Estado é menor. Desse modo, o autor produziu uma pesquisa de aspecto racial, uma vez que "a crítica sobre a segregação estruturada pelos fatores relativos à economia de mercado já se encontram bem desenvolvidos." (SANT' ANA, 2006, p. 16)

Neste artigo, vamos observar principalmente às apreensões e percepções do corpo negro na cidade, majoritariamente marcadas pela segregação e violência, e o modo pelo qual a apropriação espacial, de caráter cultural, pode produzir empoderamento e agregação destes corpos. Procuramos produzir interpretação relacionada às festas públicas em Brasília, focalizando aspectos de cor e raça. Na última década, proliferou o número de eventos realizados em espaços públicos na cidade, muitos dos quais estão associados à cultura negra e de periferia.

De modo geral, assinalamos que existe uma relação desigual entre equipamentos urbanos e práticas espaciais nos diferentes lugares percorridos para esta análise. De modo específico, identificamos variações na experiência negra nos eventos debatidos



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

para subsidiar nossos argumentos. Antes, analisaremos brevemente as relações raciais no Brasil o que conseqüentemente deve justificar o racismo como o ponto por muitos ignorado ao tratar da distribuição espacial da população no território de Brasília.

2. Brasília: raça e território

É sabido que por mais de 300 anos o sistema escravista foi vigente e dominante no Brasil, sendo o negro tratado unicamente como objeto de trabalho, indispensável, mas um objeto. Este sistema de trabalho (e portanto o negro) foi responsável por garantir a economia do país desde a época da colônia até o fim do império quando houve a substituição da mão de obra escrava pela assalariada. No mesmo período, houve também a redefinição do racismo direto e violento para o velado, onde novas estruturas de dominação foram estabelecidas para mascarar a cruel realidade racista vivenciada pela população negra e perpetuada pela branca (GUIMARÃES, 1995).

Mas quais seriam essas estruturas desenvolvidas para substituir a dominação física e explícita pela simbólica e velada? Primeiramente, ao tratar de raça lidamos com características físicas, principalmente a cor. Logo desvalorizando a aparência negra em detrimento da branca, é uma forma de rebaixá-lo. Nesse campo, a indústria cultural, por sua dimensão simbólica, por anos foi responsável por perpetuar e até criar personagens preconceituosos que debochavam e difamaram o negro e sua cultura, sempre com o pretexto de ser cômico ou fiel a realidade.

Consideramos ainda que essencialmente no mercado de trabalho, negros ocupam menos cargos de destaque e recebem menores salários que os brancos. O mito da democracia racial é pautado pela integração fictícia, já explicada por diversos autores mas ainda muito difundida e aceita, esta se mostra um dos mais eficientes instrumentos de dominação racial por manter a submissão da raça dominada ao não fazê-la se identificar em sua situação de explorada. Neste ponto, importa também colocar que brancos negando o racismo invalidam a opinião e vivência dos negros, novamente o colocando como submisso, menos importante.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

O debate acerca da segregação socioespacial com foco nas relações raciais vai de encontro com o que nos fala Isildinha Nogueira em sua tese de doutorado:

Nessa rede, negro e branco se constituem como extremos, unidades de representação que correspondem ao distante - objeto de um gesto afastamento - e ao próximo, objeto de um gesto de adesão [...] Dessa forma, a rede de significações atribuiu ao corpo negro a significância daquilo que é indesejável, inaceitável, por contraste com o corpo branco, parâmetro da auto-representação dos indivíduos. Como diz Rodrigues, a cultura necessita do negativo, do que recusado, para poder instaurar, positivamente, o desejável. Tal processo inscreve os negros num paradigma de inferioridade em relação aos brancos. (NOGUEIRA, Significações do Corpo Negro 1998).

Percebe-se aí a voluntária apartação da população branca. Para ser vista como benquista, querida, estimada, ela precisa se afastar da população negra, pois ainda há um estigma negativo imposto à esta. Dessa forma, há a segregação espacial onde negros e brancos encontram-se em espaços distintos, estando os negros nos locais mais precários e os brancos nos mais estruturados, não coincidentemente. Não unicamente por motivos financeiros e mecanismos do mercado imobiliário mas devido ao racismo inerente à sociedade brasileira, aos planejadores e aos gestores.

Tal distribuição desigual se reflete também na qualidade dos espaços públicos e na ocupação dos mesmos. As “áreas brancas”, locais onde há mais pessoas brancas, são mais caras, melhor estruturadas e áreas centrais, de forma geral concentram o investimento público e privado, já as áreas periféricas encontram-se na situação oposta (SANT’ANA. 2016).

2.1. Aspectos teóricos da segregação e território: uma leitura de Edouard Glissant

Outro ponto precisa ser levantado para melhor compreensão dessa espacialização e da importância de tais eventos e ocupação. Como Edouard Glissant aponta em *Poetics of Relation*, o negro foi retirado de sua língua, sua cultura, seu povo, suas raízes. Forçado a se mudar de seu país de origem, não somente exilado, mas escravizados, dizimados



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

e humilhados por séculos sendo os responsáveis, todos os povos colonizadores que cruelmente escravizaram de forma desumana o povo africano; menosprezando-o e rebaixando sua cultura como um todo, obrigando-o a se desvincular de tudo aquilo que caracterizava sua humanidade. O escravo precisava ser um objeto e não mais que isso.

Diante disso, a mão de obra escrava africana foi amplamente aplicada nas colônias e metrópoles da época. O negro havia sido exportado para as mais diversas partes conhecidas do mundo. Exportado, porque não houve um movimento de migração mas sim de compra e venda de pessoas, de negros. Exilado, o negro perde sua identidade, não há então pertencimento. Qual é o lugar do negro?

Glissant em seu livro diz que “As raízes não importam. O movimento sim.” Alinhado à isso define errância como a valorização do movimento e a não criação de raízes únicas, e sim rizomas.

A errância não provém de uma renúncia nem de uma frustração em relação a uma situação de origem que se tivesse deteriorado (desterritorializado) – não é um ato determinado de recusa, nem uma pulsão incontrolável de abandono. Por vezes, é abordando os problemas do Outro que nos encontramos a nós mesmos; as histórias contemporâneas fornecem-nos alguns exemplos flagrantes disso: por exemplo, o trajeto de Frantz Fanon, da Martinica para a Argélia. É bem a imagem do rizoma, que nos faz reconhecer que a identidade não está só na raiz, mas também na Relação. É que o pensamento da errância é também pensamento do relativo, que é o substituído mas também o relatado. O pensamento da errância é uma poética, que subentende que a certo momento ela se diz. (GLISSANT, 1990, p.18)

Com base nisso, o autor – sem diminuir todos os prejuízos e cicatrizes provindos da escravidão – afirma que não só o negro mas qualquer indivíduo ou povo é capaz de se adaptar à novas situações, o que é favorável e não uma negação de seu passado. Entretanto eu entendo que, mesmo que por diversas vezes em seu livro Glissant foi extremamente crítico à escravidão enfatizando os males que esta provocou aos escravos, ele relativiza os problemas identitários causados por esta em descendentes



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

dos escravos africanos. Eu julgo que a relação exílio e errância colocada em *Poetics of Relation* desvaloriza a falta que cultura africana realmente faz e reforça a ideia de assimilação entre culturas, que na verdade se traduz como a introdução da cultura branca ocidental e abandono da cultura negra africana. Novamente, o autor não desmerece os danos da escravidão.

Nesse percurso, a identidade, pelo menos no que toca a esses viajantes ocidentais que forneceram a massa dos descobridores e dos conquistadores, reforça-se antes de mais de modo implícito («a minha raiz é a mais forte»), e em seguida é exportada explicitamente como valor (“o ser vale pela sua raiz”), obrigando os povos visitados ou conquistados à longa e dolorosa busca de uma identidade que deverá sobretudo opor-se às desnaturações provocadas pelo conquistador. Variante trágica da procura de identidade. (ibid. , p16.)

É possível perceber no trecho acima que Glissant pontua a importante perda da identidade dos povos colonizados mas vejo que ele enxergou uma forma de tirar proveito disso, da diáspora negra. Buscar sua identidade perdida nesta nova relação, configuração social e não ir atrás de raízes perdidas numa busca “longa e dolorosa”. Em meu entendimento esse “proveito” desfavorece mais uma vez os negros.

Portanto, Glissant explica muito bem a questão da diáspora negra, dos sentimentos mistos daqueles que foram escravizados e de seus descendentes. O período tenebroso da escravidão em parágrafos com descrições que chegam a ser emotivas. A partir disso chegamos a diferentes conclusões quanto ao presente do povo negro, pois para mim há inegável importância em se reconectar com seu passado. Mas o que concordo, e volto a minha pergunta inicial é que, após anos de confusão identitária qual é o lugar no qual o negro se enxerga? Teria ele, involuntariamente, a mesma visão do branco?

Respondendo a questão colocada acima, é possível ver que apesar de esforços contrários os negros tornam-se cada vez mais conscientes do racismo estrutural e estruturante da realidade, não só brasileira, quebrando o que aqui consideramos a principal estrutura de dominação racial imposta pelos brancos - a ignorante crença na



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

democracia racial. É possível observar esta ruptura (que acontece de forma lenta e gradual) na realização de eventos em Brasília. É o que será tratado a seguir.

3. Ocupações, Festas: aspectos raciais

3.1. Favela Sounds, Museu Nacional

O Favela Sounds é evento dedicado à cultura negra e periférica e ocorre em Brasília. Realizado desde 2016 os principais shows sempre acontecem na área externa do Museu Nacional da República, projetado por Oscar Niemeyer e inaugurado em 2006. A proximidade com a Rodoviária do Plano Piloto—projetada por Lucio Costa em 1957—e o acesso gratuito, ampliam a possibilidade de participação para aqueles que residem em outras regiões administrativas. Além das festas, ocorrem oficinas voltadas à produção cultural majoritariamente focadas na juventude.

Ao participar dos shows principais, com enfoque no do Baco, ficou nítida para mim a preocupação dos organizadores em valorizar a cultura negra. Estava sendo feito, além de entretenimento, um trabalho de conscientização e empoderamento. Em relação ao espaço ocupado, é um local público, numa região central. É o que eu denominaria de “área branca”. Porém a proximidade com a Estação de metrô e a própria Rodoviária tornam o local acessível e por vezes é ocupado pela população periférica (a exemplo da batalha do museu) o que não diminui a importância de o festival Favela Sounds ocorrer ali, pelo contrário, mostra que os organizadores buscaram reforçar uma ocupação que já estava acontecendo, um desejo da população.

Um evento voltado ao público negro e periférico que de fato os atrai acontecendo na Esplanada dos ministérios, em frente ao Museu Nacional, isso é grande! Por mais que muitos não percebam, diz algo importante, que um espaço público bem estruturado também é nosso.

3.2. Sai da Rede, Centro Cultural Banco do Brasil



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

O CCBB Brasília é mais uma das obras de Oscar Niemeyer na capital. Inaugurado em 1993 como sede do Centro de Formação do Banco do Brasil e reinaugurado em 2000 após reformas para abrigar o Centro Cultural, o espaço tem a proposta de ser um pólo nacional e internacional de cultura, atraindo artistas e exposições. Não raramente, eventos gratuitos acontecem no local, entretanto a baixa divulgação e a localização dificultam a participação de boa parte da população.

Pude comparecer ao festival Sai da Rede, um evento de rap, com entrada no valor de 10 reais, no CCBB. Eram três atrações, destas, duas estariam no Elemento em movimento (que será tratado a seguir): Baco Exu do Blues e ÀTTOXXÁ. O evento no CCBB atraiu uma quantidade considerável de pessoas brancas, o estacionamento estava lotado, já que evento acontecia à noite e o transporte público é mais dificultado pelo horário. Não houve uma pesquisa apurada quanto à classe social de quem compareceu ao evento, mas a julgar pela aparência e quantidade de carros, diria que muitos ali não faziam parte da periferia ou eram de classe média alta, generalizando.

O evento como um todo não buscava valorização da negritude como os outros, mas tinha nitidamente elementos facilmente associados à cultura negra e que geram identificação, logo esse público deveria ser atraído, o que não ocorreu. Acreditamos que pelos fatores já citados (evento à noite, sem transporte público com pouca divulgação).

Nesse evento pude perceber também que há uma grande aceitação do RAP por pessoas brancas. O perfil que eu identifiquei, novamente sem instrumentos que garantissem maior precisão, era de pessoas jovens, que se enquadravam em outras minorias, ou estudantes universitários, ou militantes, enfim... Brancos que de alguma forma parecem se identificar com o movimento negro, mas ainda assim brancos.

Com isso percebe-se que por vezes a cultura negra é bem aceita, no entanto o negro não.

Cabe ressaltar que o local onde o evento ocorreu é um ponto elitizado, não só pela localização e difícil acesso, mas pelo estigma de que eventos culturais e os espaços onde eles ocorrem são destinados a alta classe, aos brancos. Logo, existe esse impulso



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

de democratizar esses locais mas ele vem desconexo de pontos cruciais, como infraestrutura (mobilidade) e o mais complexo, disseminar o sentimento de que aquele é um espaço frequentável por pessoas negras.

3.3. Elemento em movimento, Praça do trabalhador (Ceilândia)

O Festival Elemento em Movimento, realizado no mês de Outubro de 2018 em Ceilândia, Região Administrativa que concentra a maior população do Distrito Federal (de maioria negra), é um desses eventos que busca valorizar a cultura negra periférica. Assim como os outros acontecimentos citados, os organizadores buscaram fazer isso através do RAP. todo o discurso permeava a máxima de “valorização da quebrada”. Duas frases apareciam em produtos e outras divulgações do evento; eram elas, “o que vem de nós” (com o objetivo de enaltecer o que é feito pela periferia para a periferia) e “I love CEI” (eu amo a Ceilândia). Majoritariamente se apresentaram artistas de RAP, a entrada era gratuita e foram mais de 40 atrações ao todo, entre elas, grandes nomes do RAP nacional atual. Boa parte dos trabalhadores contratados para o evento eram moradores da RA, reforçando o ideal “deles para eles”.

O que pude perceber em minha participação no evento é que de fato houve vontade em valorizar a periferia, mas pouco se falava sobre a questão racial dentro desta configuração. Então é notável que é percebido que há uma exclusão e vem daí a necessidade de valorização, mas a exclusão seria dada não pela questão racial mas econômica. O que reforça um ponto já criticado acerca da segregação.

Há ainda um certo conforto na realização de eventos na periferia para a periferia. É como se ocorresse a delimitação de um espaço onde é permitida a presença e manifestação destes, longe do centro e da branquitude. Haveria nisso um reforço da segregação, principalmente quando a questão racial não é levantada?

3.4. Lançamento Bluesman em Brasília, Estádio Nacional Mané Garrincha



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Bluesman é o segundo álbum de trabalho do rapper Baco Exu do Blues. Novamente aclamado pela crítica e com maior reconhecimento do público que em seu primeiro trabalho, já de sucesso, o show de lançamento em Brasília - evento que faz parte do festival Favela Sounds - deveria atrair grande público como aconteceu em outras cidades brasileiras.

O evento aconteceu no dia 11 de Maio de 2019 no Estádio Nacional Mané Garrincha, iniciou às 22 horas com programação até as 5 horas da manhã. Os ingressos custaram entre 30 e 50 reais pela variação do lote não tendo diferença de sexo ou setor.

Este era um evento pago, no Plano Piloto e num horário que não favorecia o uso de transporte público. Havia muitos pontos que dificultariam a participação do público negro periférico, mesmo que o show fosse voltado para este, mas o contrário aconteceu.

Quase dois anos após minha primeira participação num evento do favela sounds, muitos pontos diferentes podem ser citados. A proposta do evento se manteve a mesma, mas as pessoas mudaram. O que foi possível notar desta vez: um público majoritariamente negro, ocupando um importante local de shows que é conhecido por abrigar grandes e importantes eventos culturais. Os negros se comportavam de forma que pareciam não só estar frequentando um show de RAP, mas entendendo a sua presença ali como forma de protesto. Há não apenas um desejo e mais que um esforço, há êxito. Os negros estão ocupando novos espaços e se apropriando deles, cada vez mais orgulhosos de sua cultura e cientes da importância de se apropriar e disseminar sua cultura.

Existe a necessidade de ressignificar o corpo negro, ele não pode mais ser visto como negativo. Numa escala menor, podemos associar a teoria de Glissant. É preciso se adaptar ao novo, não buscando se fundir às estruturas de submissão perpetuando-a, mas compreendendo o espaço contemporâneo e as relações como elas são para gerar mudança. Dizendo de outra forma, o negro vai ocupar espaços brancos, mas não em papéis resignados e sim com protagonismo. Glissant afirma que “Por vezes, abordando o problema do Outro é que nos encontramos”, convém nesse trecho interpretar que o



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

negro precisa se impor, não de forma violenta mas através de shows de RAP no Estádio Nacional, por exemplo, para que não mais seja visto como nocivo e inferior.

Importa colocar que ,não só neste evento mas também nos outros citados, mais do que a presença do negro havia a presença da cultura negra. E do RAP, música de protesto com cunho social.

Por último, mesmo com os avanços percebidos é notório que o planejamento das cidades e o Governo não ajudam ou facilitam nessa difícil missão do negro, pelo contrário, muitas vezes se omitem e acabam por reproduzir as estruturas racistas.

Não era de se esperar diferente, num país onde não há empatia ou representatividade.

6. Considerações Finais

“O **espaço público** é considerado como aquele que seja de uso comum e posse de todos. Entendendo-se a cidade como local de encontros e relações, o **espaço público** apresenta, em seu ambiente, papel determinante.”

O espaço público foi entendido então como o palco que coloca à luz como se dão as relações sociais. O espaço público brasileiro faz isso muito bem, denunciando o racismo enraizado na sociedade, que se mostra principalmente através da segregação sócio-espacial. Com isso em mente, seguem as conclusões tomadas após pesquisa.

Todos os eventos tinham um artista em comum e a proposta era semelhante, mas os locais definidos para a realização dos shows faziam com que ganhassem significados diferentes ao atrair um público diferente, a exemplo do CCBB. Essa distinção de público atrelada à localidade pode ser justificada pela mobilidade, um ponto que precisa ser resolvido. O transporte público necessita de investimentos para que haja democratização dos usos públicos. O Direito à Cidade foi incluído na Lei Federal através do Estatuto da Cidade (2001), dentre muitas outras discussões que esse ponto gera, um transporte público eficiente é uma maneira rápida e viável de se resolver paliativamente o problema da distribuição espacial em se tratando de equipamentos públicos.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

A segregação sócio-espacial se reflete nos espaços públicos que deveriam ser democráticos, mas pelo contrário, entendendo que não é interessante para a manutenção da atual ordem social que os negros ocupem outros espaços, sejam eles públicos ou privados, físicos ou simbólicos na sociedade, para a manutenção da estrutura de poder vigente o Governo opta por não levar essas discussões para a população e os órgãos de planejamento das cidades tão pouco (nota-se pelo plano de construção de ZEIS que não há interesse em reduzir a segregação sócio-espacial). Isso se agrava após as eleições de 2018 já que o Governo vigente não só ignora essas discussões como nega o racismo estrutural brasileiro. O plano de Brasília é racista, e isso se manifesta desde o remanejamento dos acampamentos de operários para áreas distantes do Plano Piloto, outro fato ignorado por governantes. Esse conservadorismo branco indo de frente aos avanços negros revelam a perversa estratégia de perpetuar a submissão da população negra em detrimento da branca, um plano dissimulado que confunde a população e novamente a faz crer que somos todos iguais perante a lei, que somos todos tratados de forma igual pela lei.

Superando o planejamento e a gestão racista, negros, militantes do movimento negro vêm obtendo êxito em suas pautas, isso se mostra nas manifestações apontadas em todo o relatório. De fato estamos ocupando novos espaços, locais que não foram destinados a nós por muito tempo, mas ocupamos. A apropriação dos espaços através de eventos culturais é efetiva de duas formas, primeiro por fazer o negro se identificar com lugares que normalmente ele não deveria pertencer e levando a sua cultura, e também por ressignificar a visão branca acerca do negro e a própria visão do negro sobre si.

Mas essa, como já citamos, não é uma mudança que parte daqueles que detém o poder. Reforçamos que não há interesse em difundir os avanços mas sim em freá-los e até anulá-los. Portanto os responsáveis, pelo progresso no combate ao racismo, na redução da segregação, pelo estreitamento social e econômico entre brancos e negros é a própria população negra. E é ela que está na organização dos eventos citados, por isso eles se mostraram efetivos.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

É possível citar também como grande responsável dessa mudança a geração de negros com acesso ao ensino superior (auxiliadas por políticas afirmativas). A academia deixa de ser elitizada e o conhecimento começa a ser difundido, mesmo que ainda timidamente. Em muitos negros é latente o desejo de realizar mudanças, cabe fazer um paralelo à alegoria da caverna de Platão. O negro que se desprende das correntes da alienação e vê além das sombras fica ansioso para voltar à caverna e libertar outros do mito da democracia racial.

Não há princesa Isabel. Existe o resultado de anos de luta do movimento negro, em todo o mundo. Esse resultado pode se manifestar através da conquista de direitos, de um diploma, do direito de exercer religiões de matriz africana, da conquista, do que pode ser considerado um privilégio, de ocupar espaços públicos, de manifestar sua arte e sua cultura sem receber protestos contrários. Enfim, a luta dos descendentes de escravos é para garantir a liberdade de agir, de expressão, de se sentir à vontade em sua própria pele que o branco sempre teve. O negro é o conquistador, e esses que parecem pequenos avanços diante da dimensão do problema, devem ser reconhecidos mas é fundamental entender que após 131 anos da abolição da escravidão, isso é só o começo.

Referências Bibliográficas

GUIMARÃES, Antônio S. A. Racismo e Anti-racismo no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, n.º 43, novembro 1995 pp. 26-44

GLISSANT, Edouard. *Poetics of Relation*. The University of Michigan Press, 1997

NOGUEIRA, Isildinha. *Significações do corpo negro*. Universidade de São Paulo -USP. 1998.

SANT' ANA, Marcel. *A cor do espaço: limites e possibilidades na análise da segregação sócio-espacial, o exemplo de Brasília*. Universidade de Brasília, 2006.